

Editorial



Osvaldo Cabral
osvaldo.cabral@diariodosacores.pt

Partidos amedrontados

Tivemos uma semana fértil em política, com epicentro no parlamento regional, onde se declarou a morte, com “certidão de óbito” e tudo, da coligação governamental.

Afinal, agora que o pó assentou, já se diz que José Manuel Bolieiro tem sete vidas.

Está visto que o governo não vai cair, por agora.

Os partidos estão todos com receio de eleições antecipadas, porque sabem que o resultado não seria muito diferente do de há dois anos.

Poderá parecer uma boa notícia para a coligação, mas não é, porque vai passar, daqui para a frente, a governar no limbo e na incerteza permanente sobre se as suas propostas passarão ou não no crivo da maioria parlamentar, que já não é a seu favor.

Uma moção de confiança esclareceria muita coisa e, com toda a certeza, seria chumbada.

Mas compreende-se que, do ponto de vista estratégico, politicamente não convém à coligação tomar a iniciativa da instabilidade, com a consequente marcação de eleições antecipadas.

Marcelo já limpou as mãos disto tudo e entregou o veredicto ao parlamento.

A oposição não quer eleições agora, apesar de fingir que está preparada para tal.

Começamos pelo PS, que adoptou um registo desastroso de fazer de conta que nunca foi governo e que todos os problemas que agora critica são obra exclusiva da actual coligação.

O exemplo da SATA é qualquer coisa de extraordinário, com os socialistas a falarem da situação calamitosa da companhia como se nada fosse da sua responsabilidade quando foi governo.

O descrédito deste registo, alargado a outros assuntos polémicos da governação, agrava-se ainda mais com os rostos que o PS nos apresenta: gente cansada, sem credibilidade, sem argumentos motivadores, sem propostas consistentes, sem nada de galvanizador.

Sem uma reestruturação profunda, de pessoas e de políticas, o PS vai ter muitas dificuldades em afirmar-se como alternativa nos próximos tempos.

Não admira que não apresente nenhuma moção de censura.

Tem receio de ficar com o ónus da instabilidade e prosseguir o seu registo de queda a pique de eleição em eleição.

Vasco Cordeiro é um líder amarrado ao fantasma dos mandatos anteriores, onde imperava uma concentração exagerada de poder, durante longos anos, a uma pessoa só, que era Sérgio Ávila, o obreiro de muita gestão ruínosa em todas as empresas públicas, cujos buracos estamos agora todos a pagar com altos juros.

Utilizando uma expressão feliz de Marcelo, dir-se-à que, também nos Açores, o Ps está “cansado e requentado”.

O Bloco de Esquerda é que não teria muito a perder, sendo um partido pequeno e com um discurso mais radical à esquerda.

O problema é que corria o risco de, como principal autor da queda do governo, provocar depois a concentração do voto dos seus 3.900 eleitores no PS para travar a coligação de direita.

Os dois partidos que podem apresentar moções de censura estão, portanto, amarrados à estratégia do medo e preferem jogar a política do calculismo.

Vão esperar pela discussão do próximo orçamento, lá para Outubro.

O Chega - quem imaginaria - surgiu no meio deste turbilhão político a defender a estabilidade!

Há poucos meses vociferava contra a governação, Ventura dava pouco tempo à continuação deste modelo e, repentinamente, passa as críticas para a Iniciativa Liberal, desanca no rompimento do acordo e reforça a sua vontade de manter a estabilidade política na região.

É claro que isto traz água na boca e tem muito a ver com a estratégia nacional de André Ventura, que pretende dar o exemplo do apoio

a uma coligação de direita nos Açores como exemplo de sucesso para o todo o nacional, à espreita de uma oportunidade para se coligar com o PSD, numa previsível oportunidade de eleições antecipadas na República, que Marcelo volta agora a admitir, deixando algumas esperanças à direita.

Ainda no nosso parlamento, o deputado independente foi por arrasto com a IL, porque também não tem nada a perder, pois sabe que vai desaparecer da cena política num próximo acto eleitoral, muito provavelmente à semelhança do PAN.

Resta o deputado da IL, Nuno Barata, o protagonista do sismo político desta semana.

O rompimento, poucos dias depois da visita ao nosso arquipélago do seu líder nacional, não é inocente, mas a estratégia da IL é com os olhos postos nos seus 2 mil eleitores.

Como estamos numa fase descendente para as eleições regionais do próximo ano, a Iniciativa Liberal começa a posicionar-se para fixar o seu eleitorado e arregimentar mais votos de descontentamento.

O cenário é o seguinte: se o IL mantiver um apoio incondicional à coligação até às eleições, os seus eleitores vão raciocinar da seguinte maneira: se estão todos de acordo, então faz mais sentido concentrar os votos na coligação e não dispersá-los.

Ora, é com base neste raciocínio que a IL quer desvincular-se da coligação para segurar o seu eleitorado e chegar às eleições dizendo que é um projecto autónomo, com o objectivo de alcançar um grupo parlamentar.

Noutro plano, está por esclarecer em definitivo se PSD, CDS e PPM vão concorrer coligados, como é intenção dos três e é um compromisso assumido por José Manuel Bolieiro.

O problema é que há muitas vozes internas no PSD que discordam, sobretudo agora com estes últimos acontecimentos, que culminaram com a demissão tempestiva do Secretário Regional da Saúde, Clélio Meneses.

Há quase uma onda de contestação a esta estratégia e é muito provável que, no próximo Congresso Regional, possa haver um movimento interno para romper com este compromisso, através de uma moção de estratégia a colocar aos congressistas.

Há muitos sociais democratas que apontam o exemplo da gerincha em Lisboa, que depois de rompida levou o PS à maioria absoluta.

Estes sociais democratas sonham com o mesmo filme aqui nos Açores, mas muitos não dão a cara porque estão dependentes da administração pública e das sinecuras do poder.

Os históricos do partido, como se viu esta semana, não têm nada a perder e começam a dar a voz pelos que pensam igual dentro do partido mas receiam manifestar-se publicamente.

As vozes autorizadas do Professor Vasco Garcia ou do influente social-democrata Joaquim Ponte são exemplos do descontentamento que se verifica nos círculos dos sociais-democratas e que vão alargar-se, caso o aparelho do PSD não dê volta à sua postura na coligação.

Muitos têm a expectativa de que a crise criada nestes últimos dias seja uma lição para o PSD e faça José Manuel Bolieiro mudar a agulha, intervindo mais, como quis começar a fazer crer com o seu aparecimento determinado na entrevista ao Telejornal da RTP-Açores.

Ao mesmo tempo quis mostrar que manda mesmo, ao chamar a si a responsabilidade da substituição imediata do Presidente da SATA, por sinal com uma boa escolha e com uma rapidez que não é habitual na coligação.

Bolieiro vai ter de provar mais vezes que é capaz de colocar um travão ao protagonismo dos dois parceiros mais pequenos, que são vistos na opinião pública como os verdadeiros líderes do governo, com a submissão do PSD.

A política regional vai estar interessante até Outubro.
É só comprar as pipocas.